

CAPÍTULO 6

UM ESTUDO EPISTEMOLÓGICO E FILOSÓFICO DO PENSAMENTO PRAGMATISTA EM JOHN DEWEY A PRÁTICA APLICADA COM BASE NO CONTO “O HOMEM DO FURO NA MÃO” DO AUTOR LUÍS INÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

Data de aceite: 03/08/2023

Angélica Maria Alves Vasconcelos.

Pontifícia Universidade Católica de Goiás
<http://lattes.cnpq.br/0152450922313825>

AN EPISTEMOLOGICAL AND
PHILOSOPHICAL STUDY OF
PRAGMATIST THOUGHT IN JOHN
DEWEY

APPLIED PRACTICE BASED ON
THE SHORT STORY “O HOMEM DO
FURO NA MÃO” BY LUÍS INÁCIO DE
LOYOLA BRANDÃO

RESUMO: o objetivo é analisar, na prática, com alunos, uma abordagem pragmatista com base na teoria de John Dewey, visando o pensamento reflexivo. O artigo apresenta uma breve contextualização do pensamento filosófico do pragmatismo em John Dewey, que considerava a natureza como a realidade última e postulava uma teoria do conhecimento baseada na experimentação e na verificação.

Dessa forma mostraremos como o pragmatismo acontece na prática do indivíduo na sala de aula, por meio de um método experimental, tendo em vista a atividade mental e o resultado como pensamento reflexivo. O intuito é o de formar cidadãos autônomos, inteligentes e responsáveis.

PALAVRAS-CHAVE: Pragmatismo – epistemologia – conhecimento – prática.

ABSTRACT: the objective is to analyze, in practice, with students, a pragmatist approach based on John Dewey's theory, aiming at reflective thinking. The article presents a brief contextualization of the philosophical thought of pragmatism in John Dewey, who considered nature as the ultimate reality and postulated a theory of knowledge based on experimentation and verification.

In this way, we will show how pragmatism happens in the individual's practice in the classroom, through an experimental method, in view of mental activity and the result as reflective thinking. The aim is to form autonomous, intelligent and responsible citizens.

KEYWORDS: Pragmatism – epistemology – knowledge – practice.

INTRODUÇÃO

As mais influentes discussões hodiernas sobre educação se viram obrigadas a enfrentar o “problema do sujeito e da subjetividade”. Viram-se obrigadas, principalmente, a resolver e dar uma solução razoável à imagem acrítica e simplista de conhecimento, como uma relação especulativa entre a pessoa (o sujeito) e as coisas empíricas (o objeto).

Uma rápida revisão do cenário atual testemunhará que, de certo modo, o debate teórico em educação, tanto nos seus aspectos políticos e sociológicos quanto nos seus aspectos psicológicos e estritamente didático-metodológicos, tem orbitado em torno do amadurecimento de uma compreensão segundo a qual o “conhecimento” não é uma reprodução do real por meio da transmissão direta dos órgãos do sentido e a “aprendizagem” não é uma aquisição deste tipo de conhecimento por meio da ostensão. Ao contrário, tende a afirmar que conhecimento e aprendizagem são uma complexa construção simbólica que enlaça o corpo biológico, a interação social e a linguagem.

O termo pragmatismo deriva do vocábulo grego *pragma*, que significa ação, atividade, coisas de uso. É um pensamento filosófico criado, no fim do século XIX, pelo filósofo americano Charles Sanders Peirce (1839-1914), pelo psicólogo William James (1844-1910) e pelo filósofo e pedagogo norte americano John Dewey (1859–1952). É uma corrente filosófica contemporânea de muita expressão nos Estados Unidos. Seu auge se dá na segunda metade do século XX. Defende a situação prática, o conhecimento que parte da experiência prática.

Destacaremos John Dewey como o reformador educacional americano no século XX. Ele também foi o pai do Funcionalismo ou Psicologia Funcional e o principal representante do movimento progressista na educação americana. Em 1884 doutorou-se em filosofia na Universidade Johns Hopkins, com a defesa de sua tese sobre a Psicologia de Kant

Em 1894 foi nomeado diretor dos departamentos de filosofia, psicologia e pedagogia na Universidade de Chicago. Por sua sugestão essas três disciplinas se agruparam em um só departamento. Na Universidade de Chicago, Dewey fundou uma escola-laboratório para experimentar suas mais importantes ideias: a da relação da vida com a sociedades, dos meios com os fins e da teoria com a prática. Depois foi lecionar na Universidade de Colúmbia em Nova York.

PENSAMENTO EPISEMOLÓGICO (COMO PENSAMOS REFLEXIVAMENTE)

Com sua permanente preocupação com a pedagogia Dewey chegou à conclusão de que não é possível manter um dualismo entre o homem e o mundo, o espírito e a natureza, a ciência e a moral.

Buscou, então, uma lógica e um instrumento de pesquisa que pudessem ser aplicados igualmente a ambos os domínios. Desenvolveu a doutrina a que deu o nome de instrumentalismo. Considerava a natureza como a realidade última e postulava uma teoria do conhecimento baseada na experimentação e na verificação, ideias que foram a origem

da “Escola de Chicago”.

Essa filosofia foi também a base de suas concepções sobre educação, que deveriam se concentrar nos interesses do estudante e no desenvolvimento de todos os aspectos de sua personalidade. Para John Dewey, o sentido da vida é a própria continuidade e essa continuidade só pode ser conseguida pela renovação constante.

A sociedade se perpetua por um processo de transmissão, onde os mais jovens recebem dos mais velhos “hábitos de agir, pensar e sentir” e, também pela renovação da experiência, que tem por fim, recriar toda a experiência recebida.

No mais amplo sentido, educação é o meio de continuidade e renovação da vida social e o próprio processo da vida em comum, porque amplia e enriquece a experiência.

No campo específico da pedagogia, as ideias de Dewey se concretizam através da chamada educação progressiva, cujo objetivo é educar a criança como um todo, buscando o crescimento físico, emocional e intelectual.

Para Dewey, compete a um “ambiente especial” – a escola – suprimir tanto quanto possível as características negativas do meio. Assim a escola torna-se o principal agente de uma melhor sociedade futura.

Em suma, ser adepto do pragmatismo implica em ser realista. Dessa forma, pessoas racionais, diretas, com os objetivos bem definidos e que requerem provas para considerar uma verdade, são consideradas pragmáticas. Assim, para entender mais sobre a corrente pragmática, leia a seguir.

A princípio, o filósofo Kant exerceu influências sobre o Pragmatismo, quando diz que “se por um lado toda experiência sem a forma do conceito é cega, o conceito sem o conteúdo da experiência é vazia”. Ou seja, teoria e prática devem andar juntas. Para o conceito se tornar aceitável é preciso, sobretudo, que ele ligue o passado com o futuro, tendo em vista as experiências atuais.

A premissa acima pode nos levar, portanto, a um exemplo fácil de compreender. As crianças conseguem ser bem pragmáticas no decorrer da sua criação. Se os pais agem de maneira diferente da que ensinaram aos filhos, seus ensinamentos perderão valor sobre o comportamento das crianças.

No entanto, Descartes contrapôs as ideias pragmáticas dizendo que o homem era sim dotado de ideias claras. Ao contrário, portanto, do pragmatismo, porque para os filósofos desse movimento não podemos confiar nesses instintos humanos. Não há segurança a longo prazo sobre a realidade.

Para o pragmatismo a verdade não é a concordância entre o conhecimento e o ser, ou seja, entre o pensamento e a essência das coisas, aquilo que as coisas realmente são. O pragmatismo substituiu o conceito de verdade por um novo conceito: a ideia de verdade é aquilo que é útil, valioso para o ser humano. Nesse sentido o ser humano não é apenas um ser teórico ou ser pensante, mas também um ser prático.

O nosso intelecto deve estar sempre a serviço da vontade e da ação de acordo com

as finalidades práticas. O conhecimento, na visão dos pragmáticos, busca a realidade, ou seja, atingir o sentido prático da vida. (A verdade não será reconhecida pelo fato de poder ser confrontada com dados extraídos de uma experiência pretérita, mas, sim por ser susceptível de qualquer uso na experiência futura). A verdade de hoje não será a mesma de amanhã.

A Escola de Chicago e o interacionismo simbólico lidaram de maneiras próprias com a noção de socialização, especialmente Foot-Whyte, que se inspirou na perspectiva interacionista, centrada na “compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas” (Carvalho; Borges; Rêgo, 2010, p. 148). Em especial no interacionismo simbólico, a socialização é interpretada desde um ativo papel do indivíduo, no interior de pequenos grupos e suas interações face a face, em vez de centrar-se em uma etérea influência do “sistema social”, da “consciência coletiva” ou da “estrutura social” que parece atingir em via de mão única os sujeitos, transformados em mero objeto da obra socializadora da grande, anônima e distante sociedade.

Portanto essa corrente filosófica da Escola de Chicago e o interacionismo simbólico tendiam a reconhecer um caráter criativo e ativo dos indivíduos, sendo que os grupos sociais, em boa parte, eram uma construção feita pelos próprios sujeitos em interação, fruto de seus valores e experiências.

Quando o estudante chega na escola, ele não é uma página em branco nas quais os professores podem escrever os saberes da humanidade. O estudante já é intensamente ativo e a escola tem que reconhecer essa atividade para orientá-lo. É preciso reconhecer que ele traz 4 impulsos inatos: comunicar, construir, perguntar e expressar da forma mais precisa possível. O estudante traz ainda interesses e atividades relacionadas a sua vida cotidiana, ao seu entorno social. Todos esses impulsos, interesses e experiências são matéria prima que o estudante traz e que a escola precisa utilizar e investir para o crescimento ativo desse educando.

Por “sujeito” deve se entender aquele que constrói suas próprias categorias cognitivas ao mesmo tempo que organiza seu mundo (Ferreiro e Teberosky, 1985, p. 26) e por “conhecimento”, a organização construtiva do real (Salvador, 1994): o mundo real e concreto que se oferece à nossa compreensão é uma teia de fenômenos que são interpretados e redescritos continuamente segundo nossas narrativas, interesses, esquemas conceituais e crenças.

No fundo, não há algo como “objeto do conhecimento” ou “realidade objetiva” exterior e independente da atividade construtiva do sujeito que faz comparações, infere, elabora hipóteses e manipula categorias. A ideia de realidade e ação é organizada por meio de mediações semióticas e a linguagem é adquirida por meio de internalização de atividades socialmente instituídas, o que faz com que todas essas operações e “processos cognitivos” não possam ser concebidos independentes da vida social.

Herbert, Lionel Adolphus Hart, filósofo do direito, classifica as experiências educacionais em dois tipos fundamentais com o intuito de chegar ao pensamento reflexivo.

O **primeiro tipo** é o das experiências que nós apenas temos. Elas foram sendo passadas de geração a geração e não só foram assimiladas, mas também transformadas, contribuindo assim para a compreensão da realidade. O conhecimento é produto de uma prática que se faz, social e historicamente. Todas as explicações para a vida, para as regras de comportamento social, para o trabalho, para os fenômenos da natureza passam a fazer parte das explicações para tudo o que observamos e experienciamos.

Todos estes elementos são assimilados ou transformados de forma espontânea. Levando em conta essa classificação e a reflexão feita até aqui, podemos considerar o senso comum. Mesmo possuindo o seu valor enquanto processo de construção do conhecimento, ele deve ser superado por um conhecimento que o incorpore, que se estenda a uma concepção crítica e coerente e que possibilite, até mesmo, a um saber mais elaborado.

O **segundo tipo** se constitui das experiências, que, sendo refletidas, chegam ao conhecimento, à apresentação consciente. Por ela a natureza ascende a um nível, que leva ao aparecimento da inteligência: ganha processos de análise, indagação de sua própria realidade, escolhe meios, seleciona fatores, refaz-se a si mesma.

Esse tipo de experiência é o dos vagos anseios do homem por qualquer coisa que ele pressente e advinha. Objetivamente, essas intimações incertas da realidade ao seu espírito parecem provir de falhas nas suas experiências, ou da existência de alguma coisa que aflora, mas está para além de sua experiência.

Assim, os pragmatistas se preocuparam em mostrar, com pesquisas sistemáticas, uma teoria que revelasse a verdade sobre a realidade, uma vez que a ciência produz o conhecimento a partir da razão. Dessa forma eles, para realizar uma pesquisa e torná-la científica, devem seguir determinados passos. Em primeiro lugar, o pesquisador deve estar motivado a resolver uma determinada situação-problema que, normalmente, é seguida, por hipóteses. Usando sua criatividade, o pesquisador deve observar os fatos, coletar dados e então testar suas hipóteses, que poderão se transformar em leis e, posteriormente, ser incorporadas às teorias que possam explicar e prever os fenômenos. Porém, é fundamental registrar que a teoria é um campo sempre aberto às novas concepções e contestações sem perder de vista os dados, o rigor e a coerência e aceitando, que, o que prova que uma teoria é científica é o fato de ela ser falível e aceitar ser refutada.

Observa-se que o estudante chega na escola com suas idiossincrasias e que devemos respeitá-las, sendo que a verdade de uma ideia é quando ela concorda com a realidade. Então, o conteúdo deve ser apresentado de maneira que estimule o interesse pessoal do estudante pela aprendizagem. No Livro de Jonh Dewey, 2011, “Como Pensamos” vemos como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo: Uma reexposição visando incorporar melhor as especificações pragmáticas, de que a melhor maneira de se

pensar é por meio do pensamento reflexivo.

Tomamos como objeto de estudo e aplicação prática o conto “O Homem do Furo na Mão”, de Ignácio de Loyola Brandão, que foi publicado primeiramente na coletânea *Cadeiras Proibidas* (1976), para mostrar como pensar reflexivamente a partir do texto.

O crescimento intelectual segundo Dewey só é possível quando aprendemos em um contexto relevante, pois a mente sempre busca estabelecer relações entre o conhecimento a ser aprendido e o contexto pelo qual esse conhecimento surge e ganha sentido. Logo a escola precisa ser relevante para o cotidiano do estudante. As atividades precisam estar conectadas com suas vidas diárias, não deveria haver rupturas com a vida da escola e a vida fora dela, mas uma relação de continuidade. Quando a escola desconsidera a experiência anterior do estudante perde muito de sua utilidade.

UMA ABORDAGEM PRAGMÁTICA

Numa abordagem pragmática vamos tentar demonstrar a prática em uma interpretação e análise de um texto aplicado em sala de aula.

Inicialmente é sugestivo para o educador questionamentos que induzem o pensar reflexivo ao estudante, como por exemplo: depois da leitura do conto, fazer um debate e o educador estimulará o estudante a questionar sobre a palavra “buraco” e seus significados denotativamente e conotativamente. E ao mesmo tempo sugerir uma analogia com sua vivência. O buraco tem relação com sua vida? Depois observar e discutir qual o papel e o sentido dessa palavra em sua vida e com o personagem do texto. Será que temos um furo na mão? Há semelhanças? De que maneira?

E no decorrer da análise deixá-los buscar um caminho para suas conclusões e, nessa trajetória, perceber por meio da reflexão que o furo é imaginativo, criativo e metafórico. Assim conduzindo ao pensamento reflexivo de Dewey com o intuito de obter resultados empíricos, sensíveis, obtidos por técnicas palpáveis e eficientes.

O texto tem como protagonista um homem comum cuja vida se ampara no conforto e na falta de surpresas da rotina. Por obra de um acontecimento insólito que, paradoxalmente, lhe parece natural, aparece-lhe um furo na mão.

“Há doze anos tomavam café juntos e ela o acompanhava até a porta. “Você está com um fio de cabelo branco. Tinge ou tira.” Ele sorriu, apanhou a maleta e saiu para tomar o ônibus. Faltavam doze para as oito, em três minutos estaria no ponto. O barbeiro estava abrindo, a vizinha lavava a calçada, o médico tirava o carro da garagem, o caminhão descarregava cervejas e refrigerantes no bar. Estava no horário, podia caminhar tranquilo. Coçou a mão, descobriu uma leve mancha avermelhada de dois centímetros de diâmetro” (BRANDÃO, 2002, p. 19).

A partir desse ponto o estudante constata algumas alterações na rotina do casal. A primeira é o fio de cabelo branco, cuja presença é assinalada pela esposa. O cabelo branco

pode evidenciar envelhecimento, preconceito.

Já a segunda se revela incontornável. Antes de chegar ao local de trabalho, um escritório acentuadamente impessoal, o aluno percebe que o protagonista nota que a mancha avermelhada se transformara em um furo perfeitamente simétrico, de maneira indolor e imperceptível: “Um orifício perfeito. Como se tivesse sempre estado ali. Nascido” (BRANDÃO, 2002, p. 20).

No escritório, se esforça para ocultar o furo, que desperta sensações conflitantes como vergonha e orgulho: Passou o dia disfarçando a mão entre os papéis. Não queria que os colegas o vissem. Eles não tinham furo na mão. (...) Na hora de bater ponto de saída, enfiou a alavanca no buraco e empurrou. Contente, sentia-se mais que os outros (BRANDÃO, 2002, p. 20).

Este furo indolor na mão do personagem, que acaba por marginalizá-lo dentro de seu próprio universo, demonstra o papel repressivo e massificante de uma sociedade que rejeita a singularidade do indivíduo.

Por meio do pensamento reflexivo e sua vivência, o aluno percebe que o furo é algo bizarro, um estranhamento, um espanto. O educando indaga o que poderá significar ter um furo semelhante a este, que oferece alegria e/ou tristeza ao personagem, cabendo ao aluno escolher e justificar no final. Alegria por ser diferente seria uma possibilidade em busca de sua liberdade. E tristeza pelos outros de não o entender.

Certamente, na análise do texto, o pensamento do educando se revela como algo desordenado, isto porque ele já traz consigo suas experiências. E essas ideias que passam rotineiramente em suas cabeças são os preconceitos.

Dewey traz o pensamento como sinônimo de crença que geralmente se refere a uma afirmação que irá além da pessoa, uma afirmação de um fato. Esse pensamento, essas crenças são os preconceitos porque são inconscientes e eles ainda não são resultados de uma investigação científica.

O fato do pensamento em um primeiro momento ser considerado inconsciente e preconceituoso é justamente porque deixamos nos levar por correntes mentais que nos passam pela cabeça por impressões vagas e incompletas. Mikel Dufrenne em *Estética e Filosofia* p.95 diz:”

provavelmente o texto supõe um saber prévio: nenhum imediato que não seja mediatizado pela experiência anterior; nunca eu me dirijo para o mundo com as mãos vazias; mas o importante é que a expressão seja efetuada de improviso, que tudo se passe no ante predicativo e que, e que como diz Bayer referindo-se á análise da atenção feita por Tichener, retorna-se sempre á espontaneidade de antes do conhecimento: á imaginação. (DUFRENNE,2011)

O estudante questionará por que a esposa, personagem cujo discurso incorpora a negação da diferença, não aceita a presença do furo. E, porque, em oposição a ela, o personagem parece firmar sua posição com maior clareza, defendendo explicitamente sua diferença? “Só eu tenho esse furo” (BRANDÃO, 2002, p. 21).

Diante de sua resistência, a esposa acaba por abandoná-lo, o que colabora para que o personagem se sinta livre. Isso o possibilita refletir que não estava fadado à vida que levava, mas se acomodava e se acovardava a uma situação medíocre e “confortável” para manter as aparências. Dufrenne 1972 diz: “Essa verdade, que é autenticidade, se define ainda pela adequação. Adequação desta vez, do objeto ao seu conceito, da existência a essência.”

“Acordou com o silêncio da casa, os cômodos na penumbra, tudo desarrumado. Gostou da desarrumação. Fez café, jogou pó no chão, molhou tudo que pôde, derrubou lixo. Tomou banho, jogou as toalhas, molhou o chão, largou o sabonete dentro da privada. Saiu. Pela segunda vez em doze anos saía sozinho sem ninguém para acompanhá-lo até a porta, sem a sensação de estar vigiado, de ter de ir e voltar ao mesmo lugar, ter de justificar as coisas, o dia, os movimentos” (BRANDÃO, 2002, p. 22).

O educando percebe, pela análise, que o personagem faz uso da percepção de sua própria singularidade, que contribui para uma maior liberdade de pensamento, de vontades, de apropriação do seu eu que parecia estar perdido. O que contribuiu para a apática reação da esposa, de forma egoísta, isenta da menor vontade em promover o entendimento? A partida da mulher é encarada como algo positivo? A perda da esposa, do trabalho e tudo o mais de que o protagonista é privado é transmitido como coisas que não lhe fazem falta?

Nessa perspectiva, o estudante pode dar seu entendimento, seja como uma nova oportunidade de caminhos a enfrentar ou uma desistência do personagem a uma vida feliz.

Por ser diferente, o protagonista é impedido de usar o transporte público vai à pé e chega atrasado (o aluno compara algum desconforto seu parecido como o problema do protagonista do furo na mão?).

Em doze anos nunca tinha faltado ao trabalho, nem chegado fora do horário, mas devido ao furo na mão fora despedido. O que significa todo este contexto?

“- E o meu dinheiro? A indenização? - Indenização? Você foi demitido por justa causa. - Justa causa? - É proibido ter buraco na mão. Não sabia? - Nunca existiu isso nos regulamentos. - Existe. Está no Decreto Inexistente. - Quero ver. - É inexistente. O senhor não pode ver” (BRANDÃO, 2002, p. 24).

Como entender um regulamento que existe num decreto inexistente?

“A imaginação não adjunta algo do imaginário ao real, mas amplia o real até o imaginário que é, ainda, o real e que acaba por unificá-lo em lugar de dispensá-lo. É a imaginação que estimula a sensibilidade estética” (Dufrenne 1972 p.95)

É possível comparar o quadro imaginário apresentado pelo conto às circunstâncias vividas pelo próprio educando, assimilando esse furo em sua vida? O educando observará que o trecho acima remete a impessoalidade do ambiente de trabalho, onde a uniformização de comportamento demandada, coloca o protagonista num impasse. Por que não se enquadrar nos parâmetros implicitamente exigidos provoca uma culpa que parece injustificada e resiste à pronta compreensão? Por que a vontade de ser igual

aos que o cercam começa a ser substituída por um orgulho de ter as suas diferenças, particularidades?

O estudante deverá questionar o que, na verdade, significa ter um furo na mão. Qual o significado do total rompimento com todos que o circundam?

É significativo que tal rompimento com a esposa principie no horário da telenovela? “Ele desligou a TV, a mulher ficou olhando para a tela cinza, como se esperasse ainda ver a novela interrompida.” (BRANDÃO, p. 23)

O estudante percebe a ambiguidade e, por vezes, contradições do conto? E o resultado dessa ambiguidade?

Dewey se refere ao pensamento reflexivo que impulsiona a indagação. É necessário um esforço consciente e voluntário do indivíduo, porque o pensamento reflexivo necessita de perguntas e questionamentos de investigação. Desse esforço é que surge uma sugestão que não necessariamente pode ser vista, mas essa sugestão pode ser sentida. (Dufrenne, 1972) diz que “a interpretação faz corpo exatamente com a visão no movimento que se liga no real e faz surgir o sentido” No livro “Como Pensamos”

O pensamento reflexivo é uma sucessão de coisas pensadas, sendo uma consequência, uma ordem consecutiva que cada ideia engendra a seguinte como seu efeito natural e, ao mesmo tempo, apoia-se na antecessora ou a esta se refere. As partes sucessivas de um pensamento reflexivo derivam umas das outras e sustentam-se umas às outras. A correnteza, o fluxo, transforma numa série, numa cadeia. Em qualquer pensamento reflexivo, há unidades definidas, ligadas entre si de tal arte que o resultado é um movimento continuado para um fim comum. (Dewey 1979, p.14)

Como resultado de nossa investigação do texto em questão o educando percebe que o protagonista, novamente expulso, encontra acolhimento debaixo de um viaduto. O conto se encerra com o trecho abaixo:

Vagabundos (seriam vagabundos?) tinham acendido uma fogueira. Acordou, o sol nascendo, levantou-se rápido. De pé, lembrou-se que não precisava ir ao emprego, ir a lugar nenhum. Sentou-se de novo, vendo os vagabundos (seriam vagabundos?) tomarem o que parecia café. Aproximou-se. Um deles estendeu uma lata. Quando olhou a mão do homem, viu nela um orifício de uns dois centímetros de diâmetro que atravessava da palma às costas. Então, ele também mostrou a mão. O homem não disse nada. Ele tomou o café. Ralo, de pó catado nos lixos dos bares, já tinha passado uma ou duas vezes pelo coador. Serviu para assentar o estômago” (BRANDÃO, 2002, p. 27).

Assim como o estudante, dentro da sociedade, o protagonista encontra outros diferentes. Os parênteses que delimitam a pergunta repetida, “seriam vagabundos?” ou seriam pessoas como ele que por pensarem diferente e por não confiarem numa aparência ideológica mentirosa são marginalizados por seus feitos?

Assim, o pragmatismo, conforme concebido originalmente por Dewey, tem o propósito de fornecer uma diretriz ao pensamento, evitando que a razão, em seus altos voos rumo ao abstrato, se desvencilhe de seu objeto: a realidade, a vida. O método

pragmatista, desta forma, se contrapõe às metafísicas de caráter dogmático e propõe que o raciocínio seja guiado por métodos semelhantes aos da ciência, que incluem a observação dos fenômenos, a formulação de hipóteses, os testes práticos e a revisão de teorias. É por isso que o pragmatismo estranha qualquer ideia de verdade e certeza inatas ou absolutas.

Assim, com o desfecho do conto, que apresenta o sol brilhando no rosto do protagonista, o estudante poderá ter suas conclusões. O furo na mão do personagem contribui para um rompimento que traz benefícios ao personagem?

Quando se junta aos vagabundos ele acaba encontrando outros iguais. O que significa romper com todo o resto e encontrar outros iguais?

Dewey cita que “Liberdade para o indivíduo significa crescimento, rápida mudança quando a modificação se torna necessária.”

Acordou, o sol nascendo, levantou-se rápido. De pé, lembrou-se que não precisava ir ao emprego, ir a lugar nenhum. Sentou-se de novo, vendo os vagabundos (seriam vagabundos?) tomarem o que parecia café. Aproximou-se. Um deles estendeu uma lata. Quando olhou a mão do homem, viu nela um orifício de uns dois centímetros de diâmetro que atravessava da palma às costas. Então, ele também mostrou a mão. O homem não disse nada. Ele tomou o café. Ralo, de pó catado nos lixos dos bares, já tinha passado uma ou duas vezes pelo coador. Serviu para assentar o estômago. (Brandão. p. 27)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Passando à prática em sala de aula, vamos evidenciar que este texto (conto) como qualquer outro que indiquemos para leitura e interpretação, servirá para enriquecimento cultural, além da prática de encontrar sentido oculto no texto.

Esse tipo de análise o educando de segundo grau pode aproveitar muito mais ainda da experiência, preparando-se para provas em vestibulares, principalmente em interpretação e redação.

Ainda é possível encontrar aplicação prática em concursos e provas a que for submetido no concorrido mercado de trabalho. Esta é a ideia que tenho de como unificar teoria e prática em sala de aula.

E para explicar como se dá o processo de interpretação, a hermenêutica, a área da filosofia que estuda isso, diz que é preciso seguir três etapas para se obter uma leitura ou uma abordagem eficaz de um texto. Essa prática leva o estudante a estímulos que serão eficientes para se alcançar o objetivo em questão. São elas:

- a) Pré-compreensão: toda leitura supõe que o leitor entre no texto já com conhecimentos prévios. Isso significa dizer, por exemplo, que se você pegar um texto do 3º ano do Ensino Médio, estando ainda no 1º ano, vai encontrar dificuldades para entender o assunto, porque você não tem conhecimentos prévios que possam embasar a leitura.
- b) Compreensão: já com a pré-compreensão ao entrar no texto, o leitor vai se

deparar com informações novas ou reconhecer as que já sabia. Por meio da pré-compreensão o leitor “prende” a informação nova com a dele e “agarra” (compreende) a intencionalidade do texto. É costume dizer: “Eu entendi, mas não compreendi”. Isso significa dizer que quem leu entendeu o significado das palavras, a explicação, mas não as justificativas ou o alcance social do texto.

c) Interpretação: agora sim. A interpretação é a resposta que você dará ao texto, depois de compreendê-lo (sim, é preciso “conversar” com o texto para haver a interpretação de fato). É formada então o que se chama “fusão de horizontes”: o do texto e o do leitor. A interpretação supõe um novo texto. Significa abertura, o crescimento e a ampliação para novos sentidos.

Portanto o texto foi trabalhado de forma estimulante. Uma vez que é perceptível a inteligência criativa que prepara e induz os estudantes para viverem adequadamente em meio a essa sociedade complexa e diversificada contada no texto.

Podemos dizer que é seguindo o caminho indicado pelas coisas que chegamos a conhecê-las e não tentando fazer as coisas se conformarem às ideias preconcebidas.

Quando lemos o conto, a princípio pouco entendemos, ficamos no conhecimento básico pois conta que a vida pacata de um homem é transformada por um acontecimento inusitado que acaba por interferência em suas relações de trabalho além de atrapalhar a convivência com a mulher. A partir do momento que o professor induz à algumas indagações, sugerindo algumas pistas como expressões figurativas no texto, este vai nos revelando o que estava hermético. Ou seja, relação do furo na mão do protagonista com as vivências dos educandos. E o estudante como resultado compreenderá que todos nós temos esse furo na mão.

Dewey (2011) em seu livro *Reconstrução em Filosofia*, p,172, acrescenta na caminhada do pensamento reflexivo

Pode-se dizer com verdade que tanto o indivíduo quanto a instituição estão subordinados a este processo ativo. O indivíduo está subordinado, porque só na transmissão recíproca de experiências, e através dela, deixa de ser mero animal embruteado, puramente instintivo e desprovido de inteligência. Só em associações com seus semelhantes ele se torna centro conscientes de experiências.

Portanto podemos verificar que o pragmatismo atua no sistema educacional de forma que oportuniza as práticas e técnicas livres e a reconstrução da experiência do educando, que devem formar orientação e inspiração para os indivíduos.

O conto “O Homem do Furo na Mão” perpassa por metáforas e redescrições das coisas e dos personagens, e, pode, por isso mesmo encontrar respaldo nas experiências dos estudantes, que fazem uso corriqueiro da linguagem e das situações no interior das suas próprias vidas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Inácio de Loyola. **O Homem do Furo na Mão e Outras Histórias**. São Paulo: Editora Ática. 2002.

CARVALHO, Virgínia; BORGES, Livia de Oliveira; REGO, Denise Pereira. **Interacionismo Simbólico: origem, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia social. Psicologia: ciência e profissão**, Brasília ,v30,n 1,p.146-61,2010

DEWEY, Jonh. **Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo co o processo educativo; uma reexposição**. São Paulo: Companhia Editora Nacional,1979

DEWEY, Jonh. **Coleção Educadores**. Editora Massangana, 2010. MEC/ Fundação Joaquim Nabuco.

DEWEY, Jonh. **Reconstrução em Filosofia**. São Paulo; Editora Ícone, 2011. Coleção Fundamentos da Filosofia.

DUFRENNE, Mikel. **Estética e Filosofia**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Trad. Diana M. Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985. 284p.

FOOT-WHYTE, william. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

<https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/dicas-estudo/veja-4-tecnicas-para-virar-um-especialista-em-interpretacao-de-texto>.